



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO CEDUC-II  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**MÁRCIA DE SOUZA BAPTISTA**

**A SEXUALIDADE EM SANTO AGOSTINHO: ENTRE A DESORDEM E  
A ORDEM.**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2014**

**MÁRCIA DE SOUZA BAPTISTA**

**A SEXUALIDADE EM SANTO AGOSTINHO: ENTRE A DESORDEM E  
A ORDEM.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira.

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B222s Baptista, Márcia de Souza.

A sexualidade em Santo Agostinho [manuscrito] : entre a ordem e a desordem / Márcia de Souza Baptista. - 2014.  
41 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,  
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Santo Agostinho. 2. Vida. 3. Conversão. 4. Filosofia medieval. I. Título.

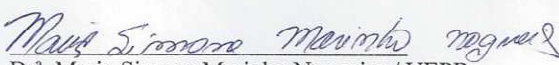
21. ed. CDD 189

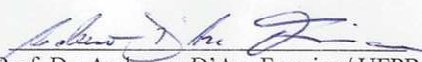
MÁRCIA DE SOUZA BAPTISTA


**A sexualidade em Santo Agostinho: entre a desordem e a ordem**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 05/12/2014.

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB  
Orientadora

  
Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira / UFPB  
Examinador

  
Prof. Me. Thiago Gomes da Silva Nunes / UEPB  
Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, fonte inspiradora de minha vida, sem Ele, nada disso seria possível, dedico todos estes anos de estudo à sua permissão. Obrigada senhor, por essa conquista.

Aos Espíritos luminosos que seguiram comigo e me ajudaram nesta caminhada nos momentos fáceis e difíceis.

Ao meu esposo, Eduardo, que sempre foi compreensivo e procurou me ajudar nas tarefas, seminários, provas, procurando diminuir as ansiedades e stress, mesmo quando foi substituído por Kant, Schopenhauer, Descartes, Platão e tantos outros, obrigada meu lindo. Você é um exemplo para mim e é por isso que o amo tanto.

Aos meus filhos: Rafael, Gabriela e Rodrigo. Os momentos de ausência servem para valorizar a presença. Amo vocês meus lindos.

À minha neta: Maria Manuela, um amor tão grande que não tem explicação.

Aos meus pais que me deram a vida e por terem me ensinado a ética e a honestidade.

À Ianna minha nora, que revisou e ajudou na confecção técnica da monografia, respeitando as normas e regras da ABNT. Minha gratidão.

Aos amigos do plantão pelas trocas, substituições sem os quais não poderia realizar mais esse sonho.

Aos amigos da turma obrigada a todos principalmente: Marcos Marcílio, Claudiney, Jorge, Daniel e Rose. Vocês fizeram a diferença em minha vida. São especiais e moram no meu coração.

Aos professores que com tanta habilidade procuraram nos mostrar o caminho a seguir, destacando autores importantes, para nortear nossos estudos. Até aqueles que não ensinaram ou pouco ensinaram, aprendemos também como não fazer. Tenho um destaque especial a fazer: professora Simone Marinho, que me acolheu, incentivou, ajudou, apontou meus erros e me orientou. A ela meu carinho, gratidão e admiração.

E, finalmente, agradecer a Santo Agostinho, cujo pensamento e vida me causaram admiração, por ter confessado sua vida conflituosa, para que nós possamos ter esperança de apesar de sermos imperfeitos, podemos um dia acertar.

“A esperança tem duas filhas lindas: a indignação e a coragem. A indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem, a mudá-las”. Santo Agostinho.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conflito de Agostinho entre entregar-se a Deus e continuar na vida de devassidão e prazeres mundanos. Para tanto, realizamos a leitura do livro *Confissões*, onde ele relata a sua vida desde a mais tenra idade, passando pela adolescência, até a sua conversão, já adulto. Além do livro *Confissões*, recorreremos a outras obras do mesmo autor e de comentadores a seu respeito. Verificamos que Agostinho ao converter-se passa a servir de exemplo para os mais jovens e a partir de seu livro acredita que possa dar novos rumos aos que se encontram perdidos e desorientados.

**Palavras-chave: Santo Agostinho; Vida; Conversão.**

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the conflict between Augustine's surrender to God and continue in the life of debauchery and worldly pleasures. Therefore, we had to read the book Confessions, where he recounts his life from an early age through adolescence, until his conversion as an adult. In the book Confessions, we turn to other works by the same author and commentators about it. We found that Augustine to become happens to be an example for the younger ones and from his book believes can give new direction to those who are lost and disoriented.

**Keywords: Saint Augustine; Life; Conversion.**



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
I-O PECADO E O MAL INFLUENCIANDO NA VONTADE.....	12
II-A IDEIA DO LIVRE ARBÍTRIO.....	25
III- A FINALIDADE DA UNIÃO ENTRE HOMENS E MULHERES.....	35
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

## INTRODUÇÃO

Aurelio Augustinus (Santo Agostinho) é um dos filósofos mais destacado, situado entre Aristóteles e Tomás de Aquino. Em seu livro *Confissões*, ele relata sua infância, retrata sua mãe e descreve sua promiscuidade sexual. A sexualidade em Agostinho era parte da natureza humana criada por Deus que passou a se tornar pecado, por causa de Adão. Com o pecado original a natureza humana perdeu seu estado de bondade ou inocência, tornando-se natureza decaída, manchada pelo pecado. O homem cai por sua própria vontade. Depois disto Deus divide a humanidade entre eleitos e condenados.

Sua filosofia busca uma investigação mais de si próprio do que de uma realidade exterior a ele ou à sociedade ao redor. Agostinho contrasta sua vida com preocupações filosóficas sem esquecer-se do *pathos* humano que lhe era forte. De seu interior é que o homem se expressa, a aprendizagem ocorre dentro de nós e não por palavras. Após a conversão, seu *pathos*, esse impulso vital, se redireciona, canaliza a sua energia ao serviço da fé cristã e ele busca compreendê-lo pela via da razão (cf., SOUSA, 2002, p.20).

A busca de sentido para sua vida estava na graça e ele dá ênfase a isto nos seus escritos. O caminho para as escrituras sagradas e da fé se deram pelo chamado divino. Antes de sua conversão religiosa sua vida fora marcada pelos prazeres, principalmente o sexual (cf., SOUSA, 2002, p. 12).

Quando Agostinho pensa em confissão, tem em mente o pecado, a culpa, a responsabilidade. Ele confia que o ideal é mais real do que a sua confusão. Essa realidade será a causa de uma gratidão que existe no começo e no fim da vida. Para Agostinho, o ideal de uma vida é uma vida confessada, liberando a pessoa da punição auto infligida. Quando aprendemos a falar com Deus, sendo este o significado da raiz da confissão, diminuiremos a tentação de depreciarmos nossas vidas, permitindo colocá-las em caixas de falsa segurança (cf., WETZEL, 2011, p.36).

Inicialmente, para justificar sua ociosidade, seus vícios e a força que o impulsionava para o mal, Agostinho encontra as respostas no maniqueísmo, que afirma que o mal que está em nós, ou o que cada um pratica, não é por

responsabilidade própria, mas por culpa do princípio do mal. Com o tempo, as leituras filosóficas foram se fundamentando em seu pensamento e essas ideias maniqueístas já não o satisfaziam e ele se tornou cético.

Em Milão, foi dar aulas numa escola de retórica, e foi atraído pelo discurso do Bispo Ambrósio, inicialmente por curiosidade. No entanto, as palavras de Ambrósio iluminaram a sua alma e aos poucos se dissiparam suas dúvidas em relação ao maniqueísmo e ao ceticismo.

Ao ler os autores neoplatônicos, principalmente Plotino, Agostinho descobre que Deus é a fonte de todo o bem e que o mal não forma uma substância, vencendo seu materialismo e rumando para uma experiênciareligiosa-filosófica (cf., COSTA, 2012, p.12).

Agostinho encontrou-se com Simpliciano e este reforçou os méritos neoplatônicos, mas chamou a atenção para seus enganos em querer alcançar a verdade por seus próprios esforços racionais, exaltando a necessidade da humildade e redenção divina. Depois da conversa com Simpliciano, Agostinho vive o dilema de querer servir a Deus e continuar na sua vida de perdição. A este conflito ele chamou de luta entre duas vontades. Uma vontade que lhe agradava, mas ele não estava pronto para seguir; e a outra que saciava seu apetite (o desejo), dava-lhe prazer, mas o aprisionava (cf., COSTA, 2012, p. 13-14). Assim ele o diz nas *Confissões*:

A nova vontade, que despontava em mim, de te servir sem interesse, de me alegrar em ti, ó meu Deus, única alegria verdadeira, ainda não era capaz de vencer a vontade antiga e inveterada. Deste modo, minhas duas vontades, a velha e a nova, a carnal e a espiritual, lutavam entre si, e nessa luta, dilaceravam-me a alma (AGOSTINHO-A, 2002, p.173)<sup>1</sup>

Ele tinha vergonha de sua antiga e inveterada vontade, ou seja, de sua vontade carnal, pois não queria que essa vontade prevalecesse para que ele não fosse um mau exemplo para os mais jovens. Era um conflito interior crônico, de que sofrera por vários anos, tratava-se de um conflito entre seus desejos carnis e a

---

<sup>1</sup>Ressalta-se que quando faz-se referência a AGOSTINHO-A, trata-se do livro *Confissões* e, igualmente, quando referimo-nos a AGOSTINHO-B, a citação é parte do livro *De Magistro*, ambos encartados numa edição única, Martin Claret: São Paulo, 2002, usada para embasar o presente estudo.

vontade espiritual ou a mensagem cristã que sua mãe lhe inculcava desde cedo. Deus era o outro que faltava a Agostinho, sem vontade de renunciar ao sexo, fica ele atrelado ao lamaçal e às ciladas do mundo secular (NEIVA, 2006, p.184).

De sua casa em Milão, decepcionado com sua fraqueza de se entregar a Deus, Agostinho se recolhe no jardim em prantos e escuta uma voz que o manda ler, ele, então, abre a Bíblia e lê um trecho de Paulo que o convida à conversão. Ao ler esse trecho, ele sentiu no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida se dissiparam. Certo de que recebera um sinal de Deus, ele não tendo mais dúvidas se converte ao Cristianismo e se batiza. Convertido, Agostinho desiste de se casar e pede demissão do cargo de rector (orador e professor da corte imperial) (cf., COSTA, 2012, p.15). Aqui o conflito acabara e a experiência de conversão é real. É impressionante como um homem totalmente entregue à lascívia se torna apolegeta da ascese do corpo. Agostinho viveu os dois lados da moeda: a entrega aos desejos da carne e a mortificação desses desejos (cf., SALINAS & MELO, 2006, p. 173, 177).

A conversão dá a impressão de que a totalidade está sendo sacrificada, mas do ponto de vista do indivíduo particular, acaba sendo uma expressão da totalidade sob o comando do *Self*. O poder do *Self* dá a razão da grande energia que ele pode dispensar à igreja e as suas escrituras (cf., EDINGER, 1999, p. 185). A razão neste caso domina o desejo, na medida em que ordena a paixão que até agora estava desordenada. Ao desafiar Adeodato no diálogo *De Magistro*, o jovem percebe uma palavra detestável como *coenum* (lamaçal) e esta está próxima da desejada e reverenciada, *coelum*, o que causa repugnância não é a palavra, mas o que significa (AGOSTINHO-B, 2002, p.389). Agostinho empregava a palavra “início” para indicar o começo do homem e “princípio” para designar o começo do universo (FORNARI, 2003, p. 363). Palavras e signos não são suficientes para indicar conhecimento: mais importante do que ouvi-las ou recebê-las é saber o que significam ou representam. A comunicação significativa envolve a dimensão interior dos seres humanos e seu supremo Criador. Acreditar é espiritual, interior, um produto da mente, sendo obrigatório abandonar qualquer submissão exterior. Quando o indivíduo abandona sua vontade (desejo), rompe a ordem divergente do humano e do Divino (NEIVA, 2006, p. 197-198). Como o ser humano não tem presciência do seu destino é prudente submeter sua vontade frágil e contraditória à norma de Deus (NEIVA, 2006, p. 199).

Seu conflito pode ser entendido como a diferença entre seu pai pagão e sua mãe cristã, saindo esta, vitoriosa (EDINGER, 1999, p. 185-186). Aos 37 anos, Agostinho foi ordenado sacerdote pelo Bispo Valério. Depois da morte de Valério, ele foi nomeado Bispo de Hipona. Apesar desta mudança de foco, observa que o ser humano não vive sem paixão (SOUSA, 2002, p.21). Ao perguntar acerca da verdade, o bispo hipônês realiza a passagem do não-eu para o eu, enfocando a investigação deste sobre a liberdade e a perda dela mesma e como o ser humano experimenta o desejo, a desordem e a violência do seu próprio eu, podendo perdê-lo (FORNARI, 2003, p. 361).

Nas *Confissões*, Agostinho, ao mostrar seu conflito, tenta de alguma forma, incentivar àqueles que se encontram perdidos e confusos, trazendo apoio e graça divina ao espírito perturbado.

Feitas essas considerações iniciais, podemos dizer que no presente trabalho temos como objetivo extrair do discurso da vontade e da ordenação do desejo, como controlar a sexualidade e se tornar um homem virtuoso. Dito isto, podemos dizer que sua filosofia pode ser vista como a busca da compreensão das paixões humanas e seu relacionamento com Deus. Esse Deus é a luz que traz no homem a sabedoria, acesso à verdade.

A obra principal que norteará este trabalho será *Confissões* de Santo Agostinho, subsidiada por outras obras do mesmo autor e de comentadores sobre o assunto, cuja referência, encontrar-se-á no final do trabalho.

O trabalho será apresentado em três capítulos:

I- *O pecado e o mal influenciando na vontade*, onde mostraremos que o mal é a ausência de substância e os efeitos do mal na vontade e a responsabilidade dos pecados.

II- *A ideia do livre-arbítrio*, definindo a noção de culpa, de responsabilidade e mostrando a luta entre as duas vontades, além de garantir que sozinho o homem não encontra forças para salvar-se, necessita da graça divina.

III- *Finalidade da união entre homens e mulheres*, mostrando que se baseia em um tripé: Prole, fidelidade e sacramento ou indissolubilidade.

Desta feita, passaremos a discutir o pecado e o mal influenciando na vontade.

## I – O PECADO E O MAL INFLUENCIANDO NA VONTADE

Se o divino é Uno, influência de Plotino em Agostinho, ele não carrega o mal. O mal passa a ser a ausência ou privação do bem (EDINGER, 1999, p. 195) Da mesma forma que as trevas são a ausência da luz, o silêncio é a ausência do som. (AGOSTINHO-A, 2002, p. 286). A causa do mal é deserção da vontade de um ser que é mutavelmente bom quanto ao bem que é imutável. Sobre o imutável que a tudo move, Agostinho recorre ao ato puro que a tudo move sem ser movido por ninguém, o motor imóvel baseado em Aristóteles (cf., SOUSA, 2002,p.20). É esta a primeira falha da criatura racional, sua privação ao bem.No princípio, o Senhor em sua sabedoria fez de sua substância algo do nada. Fora Dele nada havia e foi criado do nada o céu e a terra, e não da substância divina, pois não seria justo se assim o fosse. O mundo foi criado de uma matéria sem forma para que nós pudéssemos admirar as grandes coisas criadas (AGOSTINHO-A, 2002, p.289). A matéria informe é susceptível de forma, é a terra invisível e informe, que precede a matéria corpórea qualificada pela forma e a matéria espiritual, antes de ser qualificada pela sabedoria. As coisas foram feitas do nada e não da substância de Deus, não se confundindo com Deus, pelo princípio da mutabilidade (AGOSTINHO-A, 2002, p.298). A substância divina não varia com o tempo, e sua vontade não é mutável, pois o que é mutável não é eterno e Deus é eterno (AGOSTINHO-A, 2002, p. 294). Deus é o autor de tudo o que existe tudo se forma a partir do informe e depois recebe a forma. Deus criou, em seu Verbo, o mundo racional e sensível, ou espiritual e corporal (AGOSTINHO-A, 2002, p.300).

Sendo o mal um acidente, quaisquer defeitos que se achem na alma são privações de um bem natural. A corrupção é um mal, porque ela é a privação do bem. Na medida em que uma coisa é um ente, ela é inquestionavelmente boa. Se um ente é incorruptível, é um grande bem. A doença é a privação da saúde, uma vez curada, ela simplesmente não existe mais(EDINGER, 1999, p. 195).Assim, Agostinho nos fala:“não podemos condenar o ouro e a prata por causa dos avaros, ou o vinho pelos que se embriagam, ou o encanto das mulheres por causa dos libertinos ou adúlteros”(AGOSTINHO,1995, p. 67). Podemos fazer bom ou mau uso das coisas, elas por si só não causam mal algum, mas os homens podem

fazer mau uso delas. Agostinho nos diz: “É evidente ser preciso não censurar o objeto do qual se usa mal, mas sim a pessoa que dele se serviu” (AGOSTINHO, 1995, p. 67-68).

Os Filósofos antigos, principalmente Plotino, consideram a matéria lugar de indeterminação, do informe ou do mal. Agostinho discorda ao dizer que a matéria tem a capacidade (potência) de formas, sendo ela algo bom. Em nenhuma natureza existe o mal, mas apenas uma diminuição ou privação do bem ou a sua corrupção. O corpo, para Agostinho, é parte integrante da natureza do homem, sendo necessário e é um bem, porém um bem menor. A faculdade de raciocínio da alma é o principal fator que torna o homem superior aos outros animais, a natureza corpórea do homem também é superior aos outros animais. Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. Como está esclarecido neste parágrafo.

Há uma tríade na personalidade do homem: a memória (profundo centro da personalidade, incluindo a mente subconsciente), a inteligência e a vontade. A inteligência é a reflexão da Razão divina que é o Filho, a vontade conotativa, apetente, reflete esse amor que é o Espírito Santo. O Pai corresponde à mente humana, com a psique como sua realidade fundamental. O Filho corresponde ao intelecto, capacidade de reflexão, para organizar e manipular as imagens que constituem a mente. O Espírito Santo, a vontade, corresponde aos desejos, a energia da libido que impele o processo psíquico vital, o intelecto não poderia realizar sua operação a não ser que fosse abastecido pela libido, pela condição do desejo. De acordo com Agostinho, a Trindade reflete-se na estrutura da psique humana (EDINGER, 1999, p. 187).

O mal está como não-ser. Ele introduz a noção de participação e o conceito de não-ser para explicar o mal, ele não forma uma substância ou natureza em si, é a ausência dela. Deus criou o homem livre e dotado de vontade. Vontade como livre movimento da alma racional, como consentimento, como amor. Quando o homem se afasta do ser, aproxima-se do mal e comete pecados, ele se dirige para o não-ser (SOUSA, 2002, p. 15). Nós pecamos, cometemos iniquidades e a justiça divina age sobre nós, que como ímpios, confrontamos a vontade divina e somos castigados com a morte (AGOSTINHO-A, 2002, p.163). As coisas boas não se

corrompem, se elas fossem sumamente boas seriam incorruptíveis. A corrupção é um mal. Tudo o que se corrompe é privado de algum bem e, assim, deixa de existir. Ser privado de todo bem é o nada absoluto. Enquanto as coisas existem elas são boas. Tudo o que existe é bom e o mal não forma uma substância (AGOSTINHO-A, 2002, p.155). Toda substância é Deus ou procede de Deus e tudo o que vem de Deus é bom (AGOSTINHO, 1995, p.192).

A experiência mostra que o pão no paladar do enfermo tem gosto enjoativo, mas é agradável no paladar do sadio, os olhos enfermos têm aversão à luz e para os lípidos é cara. Para a iniquidade não encontra substância, mas a perversão de uma vontade que se afasta da suprema substância que é Deus e se inclina para as coisas baixas (AGOSTINHO-A,2002, p.158). Vejamos:“A vontade, portanto, pertence à própria substância de Deus. Logo, se a substância de Deus nasce de algo que antes não existia, não se pode mais com verdade chamá-la de eterna” (AGOSTINHO-A, 2002, p.265).

O corpo, que se corrompe, sobrecarrega a alma. As perfeições invisíveis se manifestam à inteligência agostiniana pelas obras divinas, entretanto, ele não consegue se fixar a elas e volta a seus hábitos levando consigo a lembrança amorosa, o desejo do perfume de um alimento saboroso que ele ainda não podia comer (AGOSTINHO-A,2002, p.159).Toda substância procede da substância incorruptível, e Agostinho deseja estar mais firme em Deus do que estar mais certo Dele (AGOSTINHO-A,2002,p.165).

Para Agostinho, as coisas não só são boas, mas necessárias ou úteis. São boas para o conjunto do universo ou para algum homem em particular. Existem vários graus de perfeição, pois Deus não criou as coisas com a mesma perfeição que Ele. Perfeito mesmo só Deus. Baseado na teoria da participação, uns seres são mais perfeitos que os outros. A imperfeição dos seres, ou seja, a sua diferença só é percebida quando comparados uns com os outros e com a perfeição suprema de Deus. Nós somos bons por participação no bem. Toda distinção quanto a Deus é separação, estranhamento, desaparecimento. A queda foi inevitável até no paraíso. Cada um é responsável pelo que recebeu e seria um crime dizer que alguém pecou por sua natureza. Só peca quem o faz por sua própria vontade. Não podemos atribuir nossos pecados ao Criador.



O mal ou seus efeitos em nada perturbam a ordem do universo programada por Deus. Os efeitos do mal são abrangidos pela ordem, contribuindo para a harmonia do seu conjunto.

O homem é responsável pelos seus pecados, desta forma, transgride a lei divina, inverte os valores da existência, prendendo-se ao corpo e à matéria. O mal, contrastando com o bem, evidencia o que é bom (AGOSTINHO-A, 2002, p. 34). Ao observarmos a lei da virtude segundo a qual todas as coisas estão perfeitamente ordenadas, a lei eterna, e quando esta é comparada às leis temporais dos homens nada existe de justo e legítimo que não seja tirado da lei eterna (AGOSTINHO, 1995, p.41).

Uma nação constitui-se de homens regidos por uma lei temporal (AGOSTINHO, 1995, p.43). Por força da razão ou inteligência, o homem consegue dominar os animais, em relação ao corpo, a seu princípio vital e estes animais obedecem à vontade dos homens por uma espécie de vontade ou hábito. A mente ou espírito que domina o homem é que o põe acima dos animais, encontra-se perfeitamente ordenado. Nos fala Agostinho que: “possuímos natureza genérica comum com os animais. A busca dos prazeres do corpo e a fuga dos dissabores constituem atividade da vida animal” (AGOSTINHO, 1995, p.47). Rir, divertir-se, amor aos elogios, à glória, o desejo de dominar, são características humanas. Não devemos nos julgar melhor que os animais, por possuímos essas paixões. Quando a razão domina todos os movimentos da alma temos então um homem perfeitamente ordenado, e as coisas melhores estão subordinadas às menos boas (cf, AGOSTINHO, 1995, p.47).

Entretanto, a maioria dos homens são insensatos, ou seja, o oposto do homem sábio. A superioridade do homem em relação aos animais não reside no domínio do corpo e, sim, da alma. É a razão se manifestando. Assim nos relata Agostinho: “O homem sábio é aquele cuja vida está pacificada pela total submissão das paixões ao domínio da mente” (AGOSTINHO, 1995, p.49). Nossas más ações ocorrem quando amamos os bens temporais, coisas mutáveis e incertas, e nos apegamos a eles, afastando-nos das coisas divinas e duráveis. Dessa forma, uma alma pervertida e desordenada se escraviza a estas coisas temporais e, então, comete o pecado, originado do nosso livre-arbítrio de nossa vontade.

Agostinho recorda-se de sua infância, o quanto de afeto recebeu da mãe e das amas de leite ao ser amamentado, sabendo que aquele bem não era delas e,

sim, de Deus, elas serviam apenas de instrumento. Para ser atendido em seus desejos, Agostinho se agitava, esperneava e chorava, entretanto, nenhum desses desejos iria suprir o desejo interno, aquele que nutria a alma (AGOSTINHO-A, 2002, p. 34). Ele não apreciava peras, entretanto, para se tornar cúmplice de alguns companheiros se submeteu a roubá-las e obteve a convivência deles. Analisando este sentimento da alma com tal conquista, ele verá que o simples fato de enganar, ludibriar aqueles que jamais suspeitariam deles e se acaso descobrissem a verdade, iriam detestá-la, era como um riso falso, uma alegria mentirosa, vontade de fazer mal por passatempo ou brincadeira. Agostinho conclui que sozinho não teria agrado algum, precisava da aprovação dos amigos, uma vez que o furto não lhe dava nenhum proveito nem teria desejo de vingança (AGOSTINHO-A, 2002, p.61).

Na adolescência, seus desejos ardiam e ele se fartava em prazeres baixos, que o conduziam à bestialidade de amores torpes, para ser aceito por ele mesmo e pelos outros (AGOSTINHO-A, 2002, p. 51). Aos dezenove anos, lendo o Hortêncio de Cícero ficara atraído pela sabedoria e ia adiando a hora de abandonar a felicidade terrena, quando deveria preferir os tesouros e reinos do mundo aos prazeres corporais. Mas ele, jovem miserável desde o despertar da juventude perdera a castidade, dizendo: “Dá-me a castidade e a continência, mas não agora”, temendo ser atendido depressa e ser curado da doença da concupiscência, que queria saciar ao invés de extinguir (AGOSTINHO-A, 2002, p. 177-178). Dependendo da situação, as lisonjas dos amigos nos pervertem e os insultos dos inimigos nos corrigem. (AGOSTINHO-A, 2002, p.200). Não se importava com os desejos da alma, sinais luminosos de amizade, fervilhava a puberdade, e pela fraca idade, se levava pela concupiscência da carne, alimentando seus apetites e afundando num mar de torpezas. Quanto mais seguia este caminho, mais longe ficava de Deus, e mais e mais procurava estéreis sementes de dores, com vil soberba e inquieto cansaço. Na medida em que Agostinho atendia a esses desejos: a agitação, a dissipação, o fervor da devassidão, Deus se calava e ficava mais longe dele.

Começa a perceber que tem outros prazeres como o de alimentar-se e fala que guerreia cotidianamente com o jejum levando seu corpo à escravidão. Se pensássemos nos alimentos como remédios, nossas necessidades seriam saciadas, o prazer e a gula nos enganam e querem ser servidos, desta forma não determinamos o que é bom para a saúde e ultrapassamos o limite. O ideal é que nos tornemos pessoas temperantes (AGOSTINHO-A, 2002, p. 238-239). Lutava

diuturnamente contra a concupiscência de comer e de beber, pois não era coisa que se pudesse cortar de vez, sem receio de recair, como havia feito com a luxúria (AGOSTINHO-A, 2002, p.240). A esse respeito ele fala: “Quando alguém escolhe, é a mesma alma que hesita entre duas vontades opostas”(AGOSTINHO-A,2002,p.182). Essa vontade dividida entre a eternidade e o bem temporal, é a mesma alma sem vontade plena a querer um desses bens e, por isso, dilacerada por grande dor. A verdade nos faz preferir a eternidade, mas o hábito deseja os bens temporais (AGOSTINHO-A, 2002, p.182). Dessa forma se expunha às tentações (AGOSTINHO-A, 2002, p.241).

Agostinho se aborrece porque, durante o sono, tem o consentimento do prazer e a ilusão da ação. Procura pela razão que durante a vigília não se abate diante da realidade e resiste a tais sugestões. O martírio de Agostinho se perpetua porque durante o sono ele se inclina a movimentos lascivos e quer se ver livre da concupiscência, não sendo rebelde nem dormindo. Pede, então, a Deus que o livre no presente e no futuro dessas tentações (AGOSTINHO-A, 2002, p.237). Todos os dias somos acometidos pelas tentações, postos à prova e Deus manda que sejamos continentos (AGOSTINHO-A, 2002, p.249).

Ainda no campo das tentações, ocorre a vanglória, que aparece por excesso de vaidade, para nos iludir, recolhendo e mendigando aplausos alheios, em relação às nossas palavras e aos nossos atos. Outra tentação diz respeito a atribuir a si merecimentos ou atribuir à graça divina a si de maneira a despertar nos outros sentimentos de ciúmes ou inveja (AGOSTINHO-A, 2002, p.251). No diálogo com Adeodato, Agostinho fala da importância da oração em lugares fechados, espaço secreto da alma. Aconselha que devemos procurar Deus no nosso templo, o homem interior (AGOSTINHO-B, 2002, p.354).

Além da concupiscência da carne, se acentua outra tentação, que consiste no deleite da volúpia de todos os sentidos, é ela a curiosidade. Esta se disfarça com o nome de conhecimento e de ciência. Nasce do apetite de tudo conhecer e, entre os sentidos, os olhos são os mais aptos para o conhecimento. A curiosidade é chamada pela sagrada Escritura de concupiscência dos olhos. Muitas vezes usamos expressões para substituir ver ou olhar pelo que apreendemos pelos cinco sentidos, como por exemplo: “Olha como é duro”, “Olha que gosto tem”, “Vê que som”, “Vê que cheiro”. Essa função da visão é utilizada por todos os sentidos quando buscam conhecer alguma coisa. Há que se distinguir aqui o papel da volúpia

e da curiosidade. O prazer procura a beleza das coisas, a curiosidade, por outro lado, deseja o contrário, não para se expor ao sofrimento, mas pela paixão de conhecer pela experiência. Por exemplo, em caso de acidente, curiosos correm para ver a cena trágica, mesmo que isto depois lhes tire o sono, ou a paz interior (AGOSTINHO-A, 2002,p. 245).

É a curiosidade que nos faz assistir a espetáculos de terror, ela nos induz a perscrutar os segredos de natureza exterior, cujo conteúdo de nada serve, as que os homens buscam conhecer apenas pelo prazer de conhecer. Ela também leva o homem a pesquisar sobre a ciência perversa, a arte da magia. Ela atenta o homem a pedir a Deus sinais e prodígios com o objetivo de vê-los, apenas. A curiosidade nos leva a ouvir bagatelas, que de início toleramos e depois passamos a ouvi-las com atenção crescente e, assim, desvia-se o curso de seu coração. É necessário o concurso divino para que abandone este espetáculo e reflita sobre Deus ou despreze tudo e passe adiante, ficando absorvido como um bobo. São estas quedas que Agostinho faz referência à sua vida, tendo esperança de que Deus tenha misericórdia de seu coração tão cheio de misérias e de vaidades, que podem interromper e perturbar suas orações (AGOSTINHO-A, 2002, p. 246- 247).

Ele sabia que as correntes da sua cadeia se afrouxavam, mas ainda o prendiam. “Hesitava entre morrer para a morte e viver para a vida.” Precisava mudar o caminho, mas o hábito do bem não se encontrava com ele e o mal arraigado dominava-o e ele se mantinha indeciso (AGOSTINHO-A, 2002, p. 183). Para onde virasse o rosto, por onde temia passar, era mostrada a casta dignidade da continência, sem desordens, estendendo acolhedoramente e carinhosamente, as mãos piedosas como que a convidar para que ele se aproximasse sem medo, através de uma multidão de bons exemplos (AGOSTINHO-A,2002, p. 183-184). O peso da concupiscência nos arrasta para um abismo profundo e da caridade nos eleva. Submergimos e emergimos arrastados pela correnteza das paixões, amores, impurezas do nosso espírito, para baixo, sob o peso das preocupações. Somos elevados pelo amor da paz divina e levantamos nossos corações, para alcançar sublime repouso, após atravessarmos essas águas sem substância(AGOSTINHO-A, 2002, p.317).

Quando chega a Cartago, terra dos amores impuros, Agostinho percebe que nunca saciava seu apetite, sente-se vazio e mais enfasiado que antes. Tinha que sustentar duas famílias, pois amava uma mulher pobre e seu pai morrera

quando ele tinha apenas 20 anos de idade. Agostinho reflete, então, como poderia ser freado, com um matrimônio, por exemplo, mas descobre que os seus familiares priorizaram seus discursos e sua retórica. Ele chegou a fazer o pedido de casamento, influenciado pela mãe que tinha esperança que uma vez casado, seria batizado e regenerado. Pediu a mão de uma jovem, que necessitava esperar para se tornar núbil.

Ao saber do matrimônio, a mulher que partilhava o leito com Agostinho partiu para Tagaste, deixando com ele seu filho. Ele, que não era amante do matrimônio e sim escravo da sensualidade, procurou outra mulher para manter alimentada sua doença da alma, através do mau hábito, enquanto aguardava o casamento (AGOSTINHO-A, 2002, p.138). No entanto, ele diz que:

(...) e, bom é ao homem não tocar numa mulher, o que está sem mulher, pensa nas coisas de Deus, de como o há de agradar, mas o que está ligado pelo matrimônio pensa nas coisas do mundo, e em como há de agradar à mulher (AGOSTINHO-A, 2002, p.52).

Desta forma, Agostinho ia se tornando mais miserável, enquanto Deus se aproximava para arrancar seus vícios e purificá-lo, nada o fazia sair de seus prazeres carnis. Ignorava ser fruto de uma grande miséria, mergulhado no vício e cego, não podia enxergar a luz da virtude, visível apenas com os olhos da alma (AGOSTINHO-A, 2002, p. 139).

Ele hesitava em abandonar os deleites mundanos, que não são pequenos, receoso de falhar e voltar para eles. Pensava em poder ocupar cargos importantes, em casar-se com uma mulher rica, entretanto, refletia nos limites desses desejos. Assim, ventos cambiantes impeliam seu coração de um lado para o outro, e o tempo passava. Agostinho morria todos os dias em si mesmo e, apesar de amar a vida feliz, fugia dela, pensando quão desgraçado seria, ao se afastar das carícias de uma mulher. Não imaginava que a cura desta enfermidade pertencia à força que vinha de Deus. Ignorava que ninguém é casto sem a força divina (AGOSTINHO-A, 2002, p. 134-135). Era arrebatado a Deus por sua beleza e afastado pelo seu peso, os hábitos carnis (AGOSTINHO-A, 2002, p.158). Vacilante quanto à vida temporal, necessitava que seu coração se purificasse do velho

fermento. Encantava-se pelo caminho reto, mas titubeava ao trilhar seus estreitos desfiladeiros (AGOSTINHO-A,2002,p.165). Agostinho então comenta sobre sua prisão:

Prisioneiro da morbidade da carne arrastava com prazer mortal minha cadeia, temendo que ela se rompesse e, rejeitando as palavras que bem me aconselhavam como o ferido repele a mão que lhe desfaz as ataduras.(AGOSTINHO,2002,p. 135).

Procurou Simpliciano e contou-lhe os labirintos de seu erro (AGOSTINHO-A, 2002, p.167). Queria confiar-lhe suas inquietações para que ele apontasse alguém que tivesse uma vida idônea, servisse de inspiração, já que ele trazia consigo disposições interiores para seguir os caminhos divinos (AGOSTINHO, 2002, p.166). Ao ter conhecimento, através de Simpliciano da conversão de Vitorino, Agostinho desejava ardentemente imitá-lo. Entretanto, suspirava acorrentado por uma vontade de ferro (AGOSTINHO-A, 2002,p.172).Consciente de que a mutabilidade da alma e da inteligência têm caracteres próprios: como mudar os membros do corpo de posição, ser dominado por algum afeto, ou não, falar sábios pensamentos ou calar, a depender da nossa vontade (AGOSTINHO-A, 2002, p.161).

Da vontade perversa, nasce a paixão e esta uma vez satisfeita dá continuidade ao hábito, este quando não contrariado sequencia a necessidade, formando os elos de uma corrente que o tornava escravo. Surgia a nova vontade de servir a Deus sem interesse, se alegrar na única alegria verdadeira, mas não era capaz de controlar a antiga vontade. A luta entre as duas vontades, a carnal e a espiritual, dilaceravam a alma agostiniana.

Neste período da vida, Agostinho era mais passivo e constrangido, que ativo e livre (AGOSTINHO-A,2002, p. 173). Parecia uma semente apegada à terra, sabia que teria que brotar para ver a luz do sol, mas ficava adiando, quando devia envergonhar-se de ter medo do despertar e continuar dormindo. Entregar-se ao amor divino, era agradável e o dominava ceder à paixão, era encantador eo prendia. Quando a verdade era apresentada e não tinha argumentos para rebatê-la, esperava um pouco mais e esse pouco mais acabava se prolongando. E pedia incessantemente que se calassem as trevas de sua alma, a fim de que a luz penetrasse em seu coração.Escutava a voz de Deus dentro de si, mas havia muito

tumulto em sua alma e não conseguia ter forças para voltar a viver. Assim caminhava para a morte, por escolher viver mal e se sentia culpado por isto (AGOSTINHO-A, 2002, p. 290- 291).

Só poderia ser, enfim, libertado pela graça, não haveria outra forma. (AGOSTINHO-A, 2002, p. 174). Aborrecia-se com a vida que levava, para ele se tornara um fardo pesadíssimo, os apetites mundanos não o animavam para suportar tal servidão, Estas paixões, as riquezas, as honras, já haviam pedido seu encanto, pois já amava a beleza e a doçura da casa do Senhor, entretanto, sentia-se fortemente amarrado à mulher (AGOSTINHO-A, 2002, p. 166). Assim confessa ele em solilóquio de amor:

Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro de mim, e eu lá fora, a te procurar! Eu, disforme, me atirava à beleza das formas que criaste. Estavas comigo, e eu não estava em ti. Retinham-me longe de ti aquilo que nem existiria, se não existisse em ti. Tu me chamaste, gritaste por mim, e venceste minha surdez. Brillhaste, e teu esplendor afugentou minha cegueira. Exalaste perfume: respirei-o, e suspiro por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me, e o desejo de tua paz me inflama (AGOSTINHO-A,2002,p. 235).

A luta entre as duas vontades faz Agostinho sentir que a vontade carnal deveria ser vencida pela espiritual e, ele se angustia porque sabe que está dividido entre as duas, fazendo com que ora ele esteja de pé ora decaído. Sentia-se paralisado, aprendeu que querer nem sempre é poder. O corpo obedecia aos impulsos da carne, vencendo a alma quando esta queria obedecer a si mesma, realizando seu grande desejo apenas com a vontade (AGOSTINHO-A,2002, p.179). Necessitava vencer a força que o prendia ao corpo, que enche seu organismo de vida, mas que Deus aí não se encontra e compara essa força com a que vivifica os animais. A outra força que vivifica e torna sensível o corpo, ordenando que o ouvido não veja e que o olho não ouça (AGOSTINHO-A, 2002, p. 217- 218).

Agostinho explica que existe a boa vontade, que é a que desejamos viver com retidão e honestidade, e atingirmos o cume da sabedoria. Essa vontade não pode ser comparada com as riquezas, as honras ou com os prazeres do corpo. Depende unicamente de nós desfrutarmos ou sermos privados desse grande bem.

Todos os outros bens são perecíveis, entretanto a boa vontade não se esgota e se pode conquistar quando se quer. A prudência consiste em conhecer as coisas que precisam ser desejadas e as que devem ser evitadas (AGOSTINHO, 1995, p.57). A força é a disposição da alma de desprezar os dissabores e a perda das coisas que estão em nosso poder. A temperança é a disposição que reprime e retém nosso apetite longe daqueles desejos que nos envergonham. A justiça é a virtude pela qual damos a cada um o que é seu.

A pessoa possuidora da boa vontade se oporá a todas as coisas contrárias a esse grande bem. Essa pessoa prima pela prudência acima de tudo. Ela não pode amar nem estimar em alto preço todas aquelas coisas que não estão em nosso poder. Tais coisas só são amadas pela má vontade, à qual devemos resistir. Uma vez que a pessoa não ama esses bens perecíveis, não esboçará tristeza se as perder. A pessoa que estima e ama a boa vontade possui as quatro virtudes, a saber: a força, a temperança, a justiça e a prudência.

Deste modo, aquele que ama viver retamente encontrará o bem verdadeiro, e também a real alegria e a doçura de viver. Ao amar a boa vontade, o homem encontrará o que é eterno e imutável, e observando-a ele vive como o faz. Agostinho conclui que há duas espécies de homens: os amigos das coisas eternas e os amigos das coisas temporais, sendo a vida feliz reservada para aqueles que escolhem a vida reta e honesta. O bem da liberdade está ligado ao cumprimento da lei eterna, só existe verdadeira liberdade entre as pessoas felizes. A lei temporal está ligada a bens perecíveis e, uma vez o homem privado desses bens, o homem perde o ânimo e se torna um desafortunado e sua felicidade, como que por castigo, deságua junto com aquela classe de bens, quais sejam: boa saúde, integridade dos sentidos, força, beleza, dinheiro, glória, honras, louvores (cf., AGOSTINHO, 1995, *passim*, p. 63-65).

A alma paga a sua dívida usando bem o dom que recebeu ou perdendo o que não quis empregar corretamente. Ou ela devolve cumprindo a justiça ou sofrendo o castigo. Ninguém se afasta da justiça sem se voltar em direção à infelicidade (cf., AGOSTINHO, 1995, p.201). O pecado existe, cabe ao homem evitá-lo.

São denominados pecados, as más ações que cometemos por ignorância e as boas que deixamos de praticar, apesar da boa vontade (cf., AGOSTINHO, 1995, p.211). A criatura que peca perde a bem aventurança pecando, mas não



perde a possibilidade de se recuperar. É a dualidade entre alma e matéria, numa constante rebelião entre espírito e carne, que não cessa nunca. Nesta luta somos auxiliados pela graça divina, que impede que nos enganemos quanto a falsa aparência, as palavras sedutoras, as trevas dos erros (cf., AGOSTINHO, 2012, p. 673).

Ao procurar por Deus, Agostinho está em busca da felicidade. Felicidade esta que está em nós a sua imagem, e há diversas formas de ser feliz, possuindo realmente a felicidade e possuindo apenas sua esperança, esta noção encontra-se na memória, sinal que já a possuímos alguma vez (cf., AGOSTINHO, 2002, p. 229-230). A felicidade não é corporal, temos a ideia dela e queremos amá-la e possuí-la, para sermos felizes (cf., AGOSTINHO-A, 2002, p.230). Ao narrar esta felicidade, ele diz: “A felicidade é a alegria que provém da verdade”. Essa noção esta retida na memória (AGOSTINHO-A, 2002, p.232).

Agostinho aprende a se abster da sedução dos perfumes, porém, sabe que não pode confiar em si mesmo, uma vez que a tentação é perpétua. Os prazeres do ouvido o prendem e subjugam com mais força. O prazer dos sentidos, não deveria seduzir o espírito, eles seguem a razão, quando deveriam precedê-la e conduzi-la.

Às vezes Agostinho adotava a postura de se afastar da voz melodiosa do cântico, mas necessitava que sua fraca alma se elevasse aos sentimentos de piedade. E, ficava novamente dividido entre o perigo do prazer e a constatação dos efeitos saudáveis do canto. Quanto aos olhos, estes apreciavam as formas belas e variadas, as cores brilhantes e amenas, apesar de saber que o seu bem era Deus e não elas. A verdadeira luz é uma e todos que a veem e amam formam um único ser. A luz corporal com sua doçura sedutora e perigosa é um dos prazeres da vida para aqueles que são cegos amantes do mundo, os que enxergam o que não deveriam enxergar.

No entanto, Agostinho nutre o desejo de ser diferente, de usar seus olhos apenas para louvar a Deus, de maneira que até no sono ele possa dominar seus pensamentos. Ele fala das belezas exteriores, encantos sedutores aos olhos, variedades de artes, com indústria de vestidos, calçados, vasos, e outras espécies de objetos, esculturas, pinturas, que atraem a visão de quem os vê e afasta intimamente Daquele que os criou. Exalta a beleza da alma do artista que passa para suas mãos e questiona de onde vem essa beleza que é superior às nossas

almas, indicando que sua alma suspira por ela dia e noite. A alma conserva a superioridade sobre o corpo.

Sabendo que o homem é composto de corpo e de alma, a alma tem natureza própria e é diferente da matéria e, por não ser percebida pelos sentidos, fica difícil entendê-la pela razão (cf., AGOSTINHO, 2013, p.13).

Agostinho esclarece que o homem escolhe pecar e tem total responsabilidade por esta escolha. Ele nos mostra que Deus é eterno e imutável, portanto, nós somos bons por participação desta natureza divina.

Para explicar essas escolhas iremos direcionar nossa atenção para a ideia do livre- arbítrio.

## II – A IDÉIA DO LIVRE-ARBÍTRIO

Agostinho não podia suportar a ideia de que Deus fosse a causa do mal. A leitura do neoplatônico Plotino trouxe-lhe a luz e a certeza de que o Criador era bom e poderoso. Portanto, não havia espaço para o mal entre os seres, nem para prejudicar a obra divina, nem para impedir o homem que quisesse se encontrar com Deus (cf, AGOSTINHO, 1995, p. 13). Para o bispo de Hipona não há nenhuma realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio. Ao relatar a angústia entre optar pela paixão, ele descreve:

Ao mesmo tempo, o império das paixões ao lhe impor sua tirania, perturba todo o espírito e a vida desse homem, pela variedade e oposição de mil tempestades, que tem de enfrentar. Ir ao temor do desejo; da ansiedade mortal à vã e a falsa alegria; dos tormentos por ter perdido um objeto que amava ao ardor de adquirir outro que ainda não possui; das irritações de uma injúria recebida ao insaciável desejo de vingança. E de todo lado a que se volta, a avareza cerca esse homem, a luxúria o consome, a ambição o escraviza, o orgulho o incha, a inveja o tortura, a ociosidade o aniquila, a obstinação o excita, a humilhação o abate (AGOSTINHO, 1995, p.53).

Deus criou o homem de modo perfeito e, ele por si mesmo e por sua vontade que se precipitou de lá, nas misérias desta vida mortal (cf, AGOSTINHO, 1995, p. 54). Logo não haveria razão para Deus conceder ao homem o livre-arbítrio da vontade se é por ele unicamente que pecamos. Tudo que provém de Deus é bom e tudo que é justo é bom. Portanto, atribuir a Deus o infortúnio aos pecadores e a recompensa aos que procedem bem é fazê-lo aplicar a justiça. Todo bem procede de Deus e, assim, todo homem em certa medida é também um bem, pois quando quer pode proceder bem porque tem a possibilidade de viver retamente. O homem deve se servir da vontade para viver retamente, se ele escolher pecar recairá sobre ele os castigos da parte de Deus.

Deste modo, o castigo ou a recompensa só existem para manifestar a justiça divina e, para isso, o homem deve gozar de livre-arbítrio. Para crer e entender é necessário desprezar os bens terrenos e desejar e amar as verdades divinas. Se está claro que você existe porque vive e entende, então, comparando essas

verdades com a pedra e com o animal, a pedra não vive e o animal não entende. O que existe não possui necessariamente vida e inteligência. Se pensarmos num cadáver, ele existe, porém, não vive nem entende. O animal existe e vive, mas só o homem existe, vive e entende. A capacidade de entendimento pertence unicamente ao homem (cf, AGOSTINHO, 1995, *passim*, p. 54- 81).

Pelos sentidos corporais, sentimos os objetos através da visão, tato, audição, olfato e paladar, sentimos as informações de acordo como eles percebem os objetos. Essa percepção se dá por meio de um sentido interior. Pela razão compreendemos a existência de um sentido interior que é o interprete desses cinco sentidos, fazendo-nos conhecer a respeito dos objetos. Porém, também observamos esse sentido interior nos animais e estes não possuem razão. O sentido interior sente as impressões que recebe dos cinco sentidos externos, mas também percebe pelos mesmos sentidos, sem ter conhecimento ordenado da ciência, porque isso é próprio da razão. Os animais sabem quando devem se aproximar ou fugir de algo, e se movem do lugar, por terem esta percepção.

É um erro para a maioria dos homens conceberem em seu espírito a existência de realidades melhores, vendo em sua mente a melhora da criatura, quando esta se fixa no Criador, mesmo possuindo uma vontade livre(cf.,AGOSTINHO, 1995, p. 165).O homem em sua natureza existe, vive e raciocina, usa da inteligência e esta os animais não possuem. Existe uma razão superior à do homem cuja existência e realidade nós temos conhecimento, que é eterno e imutável, esse Ser chama-se Deus, uma realidade superior à razão.Todo homem deseja ser feliz, e disso depende do seu bem ou mal viver. Os homens desventurados não obtém o que querem de uma vida feliz. O essencial, o fato de viverem retamente, eles não o querem e sem isto ninguém é digno de obtê-la. O merecimento está na vontade. A recompensa ou o castigo estão na beatitude ou na desventura.Deus não forçou o homem a pecar, mas lhe concedeu a vontade de pecar, ou não, se quiser. Se o homem quiser fugir da infelicidade, deve amar mais a vida e aproximar-se de Deus e dar graças a Deus por existir. Há seres que não possuem sequer o desejo de serem felizes. Quanto mais amar a existência, mais o homem deseja a vida eterna e aspira se transformar. As coisas temporais são efêmeras, nada são antes de existirem, passam ao existirem e tendo passado, retornam ao nada.

Não existiria a penalidade se os homens não se apegassem a tais bens, de modo a amá-los, mesmo conscientes de que eles podem lhe ser retirados contra a própria vontade. Da mesma forma as coisas podem ser usadas de modo bom ou mal. Quem as usa mal se submete àqueles mesmos bens que lhe deveriam estar submissos. Se o homem se mantiver acima dessas coisas, pronto a possuí-las e governá-las e ainda a perdê-las. É próprio da vontade escolher o que cada um pode optar e abraçar. Só a vontade é capaz de desviar a alma e afastá-la do caminho reto.

O direito à vida feliz está atrelado a uma vida de retidão e é com a boa vontade que se consegue alcançá-la. Quanto mais a pessoa erra e se afasta da verdade, menos ela é sábia, pois, como todos queremos ser felizes, nossa meta é alcançar o sumo-bem. Sem a posse do sumo-bem ninguém é feliz e sua contemplação e posse encontram-se nessa verdade que é a sabedoria. É na nossa mente que possuímos impressa a noção de felicidade e de sabedoria (cf., AGOSTINHO, 1995, *passim*, p. 62-107). Só nos fala verdadeiramente quem nos ensina. As lições da criatura mutável só têm valor se nos conduz à verdade, que é imutável. Assim nos fala o bispo de Hipona: “Nosso propósito ao falar está em ensinar”. (AGOSTINHO, B, 2002, p. 353). As palavras carregam o conhecimento da verdade quando a vontade está ordenada fazendo com que reflitamos: “Um signo é existência material na ordem do ser, carrega conhecimento e expressa vontade” (NEIVA, 2006, p. 187).

A verdade é superior e mais excelente do que a nossa mente. Essa verdade nos liberta da morte e do pecado. Nossa alma de nada goza com liberdade se não gozar com segurança. Ninguém vive com segurança em meio a bens que pode perder contra a própria vontade. A riqueza ambicionada para satisfazer paixões, se a alma não percebe, se as despreza quando as possui, vai depender unicamente dela renunciá-la para provar seu desapego. Para saber se a privação de um bem é indiferente ou penosa, é necessário que haja a privação deste bem. É o que nos relata a Bíblia: “Tudo, aliás, nos é dado por acréscimo quando procuramos o reino de Deus e sua justiça” (AGOSTINHO-A, 2002, p. 259).

Os prazeres da vida mundana causam ao homem desgraças casuais e involuntárias como moléstias premeditadas e desejadas. Não há prazerem comer ou beber sem que seja estimulada a fome e a sede. O exemplo disto, é que o ébrio

come algo salgado para adir a sede que se transformará em prazer quando saciada pela bebida (cf., AGOSTINHO-A, 2002, p. 170).

Há uma causa para a ocorrência do pecado em umas criaturas e em outras não. Há ainda pessoas que cometem pecado e se convertem para o bem. Uma vez que todas elas são dotadas de uma mesma natureza racional, há que se ter uma explicação para as que nunca queiram pecar e as que jamais queiram abandonar o pecado. A raiz de todos os males é a disposição de querer além daquilo que é suficiente, através da cobiça, através da vontade desregrada. Quando a vontade está em harmonia com a natureza, esta a protege e não lhe é nociva.

Insinua-se no ser racional a ignorância do que se deve fazer e um apetite pelas coisas nocivas, estas trazendo consigo o erro e a infelicidade. Agostinho descobriu que o Deus-Uno é de substância espiritual, como o é a alma, levando-o a refletir:

Esforça-me por compreender a tese que ouvira professar, de que o livre-arbítrio da vontade é a causa de praticarmos o mal, e de que teu reto juízo é a causa do mal que padecemos. Mas era incapaz de entendê-lo com clareza. E esforçando-me por afastar desse abismo os olhos do meu espírito, nele me precipitava de novo, e tentando reiteradamente fugir dele, sempre voltava a recair (AGOSTINHO, 2002, p. 144).

A partir da ideia de livre-arbítrio, que Agostinho define como origem ou causa do mal, nasce a noção de culpa, de responsabilidade e, com esse conceito, entende-se a palavra pecado (o mal), fruto do abuso da livre vontade. A ideia de culpa está implícita, pois ninguém se confessa se não se sentir culpado em relação a algo, se trata aqui de arrependimento (cf., SOUSA, 2002, p. 17). Significado é o que move os usuários dos signos e é semelhante ao livre-arbítrio que dirige o destino humano. Embora as convenções humanas mudem, a palavra de Deus permanece imutável (NEIVA, 2006, p.193).

O mal é a desordem, a transgressão culposa desta ordem. O homem, depravando-se por sua própria vontade, criou seres desordenados ou condenados. A alma ordena a si mesma a vontade de querer, no entanto, ela não obedece. A alma manda na proporção do querer, se não quiser suas ordens não serão

executadas. A alma enferma está oprimida pelo peso do hábito (cf., AGOSTINHO-A, 2002, p. 180). Só há culpa quando o ser recusa-se a ser o que tinha de ser, se o quisesse, trata-se de recusar um bem que lhe foi dado. Cognição e vontade são efeitos de mentes livres, sem as restrições e limitações da matéria (NEIVA, 2006, p. 184-185). A vontade livre para agir bem é a vontade para a qual os homens foram criados (cf., AGOSTINHO, 1995, p.210). A fonte do mal moral, o pecado, está no abuso da liberdade, mas esta é um bem. O poder de usar bem o livre-arbítrio é a liberdade.

Para descobrir a origem do pecado é necessário saber sua essência. Cometer o mal é submeter sua vontade às paixões, ou preferir os bens propostos pela fé eterna, uma satisfação pessoal (cf., AGOSTINHO, 1995, p.14). O mal não é um Ser, mas uma deficiência, uma privação do Ser. O fato de se ter recebido de Deus uma vontade livre é, para nós, um grande bem, o mal constitui o mau uso desse bem. Ao preferir a criatura em detrimento de Deus, o homem subverte a ordem hierárquica e opta por bens inferiores. A penalidade justa é a punição do pecado e denomina-se castigo (cf., AGOSTINHO, 1995, p. 209). Só Deus pode dar o ser às almas que não existem ainda, pois que Ele é o autor da sua existência e lhes concede o dom de serem felizes.

Entretanto, se o homem não gozar do livre-arbítrio de sua vontade, escolhendo o bem que deve praticar, o castigo é uma punição muito justa, pois se perde aquilo que não foi bem usado, e poderia tê-lo feito se o quisesse. É justo que alguém perca o que sabendo, mas não agindo bem, quando o podia, perca o poder de praticá-lo quando o quer de novo. São duas penalidades para toda alma pecadora: a ignorância e a dificuldade. Desta forma, Agostinho conclui: “A ignorância provém o vexame do erro e a dificuldade, o tormento que aflige” (AGOSTINHO, 1995, p.210). Se a alma recusar-se de agir, será considerada culpada de pecado, por não usar o bem que recebeu.

Ao ser questionado por Evódio sobre a autoria do mal, Agostinho responde perguntando de que mal ele fala, se do que pratica ou do que sofre algum mal. Ele atribui a cada pessoa que comete o mal como autor de sua má ação. A seguir vão discutir a respeito da aprendizagem do mal e Agostinho fala da renúncia da boa instrução (cf., AGOSTINHO, 1995, p. 25-27). Atribui a origem ou causa do mal ao homem que escolhe pela livre vontade pecar, ou seja, fazer mau uso dela. (cf., COSTA, 2002, p. 280).

Aquele que escolhe abandonar Deus por orgulho, reencontra-o fora da alma na humildade. Ele se afasta do ser por ignorância e Deus na sua infinita bondade concede a graça da salvação, não tem forças para salvar-se, só Deus é quem salva. A graça divina conduz ao homem a fazer bom uso de seu livre-arbítrio. A graça é mais poderosa que o livre-arbítrio, mais do que a escolha humana, é Deus quem escolhe o ser humano, criando um mistério que envolve a escolha divina (cf, SOUSA, 2002, p. 23). O homem está condenado e só é salvo pela graça divina.

A graça, a seu turno, é o amor e o favor dos imerecidos de Deus, toca a intimidade do coração e da vontade do homem, orienta os convocados para serem fiéis, conduz e exalta a alma ao arrependimento, à fé e ao louvor, transforma a vontade para que ela seja capaz de fazer o bem, alivia a angústia religiosa humana concedendo o perdão e a esperança, firma as bases da humildade cristã, abolindo o orgulho. É através da graça que o homem domina sua natureza pecadora, sendo esta fundamental para os homens adquirirem a paz. A graça é importante para os homens serem virtuosos e alcançarem a eternidade. Na teoria agostiniana, a graça divina é para os eleitos, não merecida, mas concedida do céu. A graça é privilégio divino, e a liberdade um dom, ambas se completam (cf, SOUSA, 2002, p.16).

O antídoto do mal está na graça divina. Para livrar-se do mal, o homem precisa da ajuda divina, como remédio para curar-se. A graça é tida como medicina e socorro ao livre-arbítrio (AGOSTINHO, 1995, p. 18). O arrependimento dos pecados e a misericórdia de Deus se entrelaçam nas teorias de Agostinho da graça e do livre-arbítrio. Agostinho identifica, então onde nasce seu desejo, na lei divina que por misericórdia encontra graça diante de Deus e inspira seu desejo. Nosso saber comparado com a ciência de Deus é ignorância, se comparamos as obras divinas com o Criador, nem são belas, nem são boas, nem existem (cf., AGOSTINHO-A, 2002, p.261). Existe uma luz que ilumina e fere o coração agostiniano sem o lesar. A sabedoria rasga as nuvens de sua alma e encobrem-na novamente quando dela se afasta, pelas trevas e pelo peso de sua miséria.

O mal moral se origina na má vontade do homem que, por livre escolha, resolve subverter a ordem divina, amando mais os seres criados, inclusive a si próprio, do que o Criador. Os homens querem muitas coisas, entre elas, amar. O amor une ao que conhece com o objeto do conhecimento. A vontade boa é dirigida aos bens superiores (caritas), enquanto que o amor a bens inferiores denomina-se concupiscência, sentimento de prazer. A lei da caridade se iguala à lei da liberdade,



é o amor derramado profusamente com o ser humano, é o amor centrado em Deus. A vontade conduz o homem a Deus ou o afasta. Não são todas as vontades que estão orientadas para Deus. A vontade expressa algo bom ou ruim, conforme o objeto que se ama. Sem amor, nosso conhecimento não pode salvar-nos. Esse amor, por sua vez, pode ser um mero desejo corporal, aproximando ainda mais o homem da velha vontade e impedindo-o de buscar a nova, como afirma Agostinho:

Amar e ser amado era para mim a coisa mais doce, sobretudo se podia gozar do corpo da criatura amada. Deste modo manchava com torpe concupiscência a fonte da amizade, e obscurecia seu candor com os vapores infernais da luxúria. E apesarde tão torpe e impuro, desejava com afã e cheio de vaidade, passar por afável e cortês (AGOSTINHO-A, 2002, p.63).

Agostinho ao falar sobre pecados e imperfeições afirma: “As aparências do ato diferem das intenções de seu autor, assim como as circunstâncias ocultas do tempo”(AGOSTINHO-A,2002, p. 75). A liberdade da alma culmina com a visão e união eterna com Deus (cf., AGOSTINHO,2012, p.478).

O livro *Confissões* retrata a dualidade em Agostinho, o contraste entre a miséria humana e a grandeza de Deus (SOUSA, 2002, p.17). Portanto, um ato de vontade do homem não é suficiente para retornar ao bem. Por um lado, há o temor de Deus e, por outro, há a confiança na Sua infinita misericórdia. Agostinho conclama os leitores a saírem de sua pequenez de fraquezas por meio da força de Deus, ele quer abrir a outros os caminhos que trilhou para a conversão. A natureza humana é boa em si, uma vez que todo ser vem de Deus, a natureza humana encontra-se decaída ou manchada, impossibilitada de levantar-se por conta própria.

A humanidade está, pois, condenada por sua própria natureza. O homem perdeu a liberdade plena de ser justo e perfeito, nada pode fazer para salvar-se, continua com seu livre-arbítrio e escolhe pecar, atendendo aos seus impulsos de prazer. A paixão é capaz de adentrar a memória, e confundir o espírito, desorientando a alma em seu estado puro. Somente Deus pode transformar as paixões humanas (tentações) em forças contemplativas (cf, SOUSA, 2002, p.25). Deus criou as almas destinadas a perseverar na observação das leis de justiça e

outras para pecar e perseverar em seu pecado, entre as últimas, estas ainda são superiores aos seres animados que são incapazes de pecar, pela falta de razão ou pelo livre-arbítrio. Não há como atribuir a Deus a causa do pecado, uma vez que pecar está diretamente ligado à vontade livre do pecador e acontece necessariamente.

Os aspectos da existência humana são uma questão inicial de escolha e de vontade. Para Agostinho, tudo começa e termina na vontade e só quem busca obedecer à vontade de Deus é quem faz Sua vontade. Faz-se necessário restaurar o que foi destruído pelo exercício perverso da vontade, uma vez escolhida a desobediência, entrando em choque com as instruções de Deus. A desobediência é a fonte dos males e pecados, a transgressão humana foi precedida de uma intenção maldosa. A intenção é a base da existência humana (NEIVA, 2006, p.188-189). A cisão da psique agostiniana entre dois grupos predeterminados, os condenados e os salvos, retrata a dissociação da era cristã (EDINGER, 1999, p. 194).

Em verdade, a vontade insensata impede Agostinho de ver o que deveria pretender e, por escolher o não existir, vive de um modo infeliz. O sentimento tira o valor da própria natureza ou hábito, o parecer lógico diz uma coisa e o sentimento íntimo, outra. O erro está em julgar uma coisa nociva benéfica e esta causar prazer. Quando alguém se inclina para a morte, quer encontrar a tranquilidade e não o desejo de não existir. Obter o não ser é aspirar a tranquilidade, desejar possuir uma realidade mais perfeita. Nem o pecado nem o castigo são seres a parte, mas acidentes. E o estado de desordem evoca a penalidade a colocar em ordem o que estava desorganizado. É a confiança de que Deus tem o poder de dirigir a alma que lhe é cara. Ao se converter ocorre uma dissociação na raiz de toda a era cristã que culmina assim: “O conflito de Agostinho entre corpo e espírito, foi resolvido pela identificação com o espírito”(EDINGER, 1999,p.195).

Existem ações condenáveis que são praticadas por necessidade quando o homem pretende agir bem e não consegue. Se o homem fosse bom, agiria de outra maneira. Ele neste estado nem é bom e nem tem poder de se tornar bom

Todo ser é mutável e suscetível de perfeição. Coisa alguma pode se dar a si aquilo que não possui. Todos os bens do maior ao menor procedem de Deus. Não podemos agir com retidão a não ser com o livre-arbítrio da vontade, esta é um dos bens recebidos por Deus. O espírito é um bem maior que o corpo. Todos os bens que recebemos podem ser usados para servir às paixões e são causas de ações

vergonhosas. Da mesma forma a vontade livre é um bem, um dom de Deus e é preciso condenar aqueles que usam mal este bem. Podemos ser reprovados por não permanecermos unidos a esse bem, essa união constitui para nós o nosso supremo e primeiro bem (AGOSTINHO, 1995, *passim*, p. 131-193).

Com relação as virtudes pelas quais as pessoas vivem honestamente pertencem à categoria de grandes bens. São bens médios as forças de espírito e mínimos as diversas espécies de corpos. Das virtudes não se pode fazer mal uso, porém os bens médios e os mínimos pode-se fazer bom ou mal uso.

A cegueira de Agostinho não o permitia ver a miséria em que se encontrava imerso. Uma vida de virtudes cercada de luz, cuja beleza era invisível aos olhos da carne, somente visível às profundezas da alma (AGOSTINHO-A, 2002, p.139). Ele reconhece a sua miséria como desprezível e que poderá ser restituída através da misericórdia divina, a partir de sua transformação, até que sacie os desejos de Agostinho dos bens divinos (AGOSTINHO-A, 2002, p.247). Todo vício é nocivo e contrário à natureza e deve ser reprovado (AGOSTINHO, 1995, p.193).

Depois de profunda reflexão, sua miséria é exposta e cai sobre Agostinho uma tremenda tormenta, que se materializa em uma correnteza de lágrimas, saindo de perto de Alípio, pois necessitava ficar sozinho, Agostinho faz dolorosa prece, perguntando ao Senhor até quando ele iria adiar a sua conversão, eis que uma criança fala na casa vizinha: Toma e lê. Ele entende que deveria abrir o livro e ler o primeiro capítulo que aparecesse. Ao abri-lo, lê: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e nas leviandades, não em contendas e rixas, mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis em satisfazer os desejos da carne.” Ao término da leitura, Agostinho percebe que todas as trevas de sua dúvida se dissiparam (AGOSTINHO-A, 2002, p. 185- 186).

Agora, tratava-se de querer o que Deus queria, olhando para o agora e o antes e analisando os males na vontade de Agostinho. Ele percebe, então, que a privação das doçuras fúteis foi suave. Antes temia perdê-las e agora tem prazer em deixá-las. Quando Agostinho se vê privado dos prazeres da carne e das vãs curiosidades, por sua própria vontade e não pela necessidade, pode avaliar o domínio da sua alma. A continência nos ensina a se afastar de certas coisas e a justiça direciona nosso amor. Com esperança clama Agostinho ao Senhor que cure suas fraquezas, redima a sua vida corrupta, sacie com seus bens seus desejos, só assim sua juventude se renovará como a da águia

Ao converter-se, Agostinho preocupa-se em abandonar o magistério de forma gradual, logo que tirasse férias, anunciaria que não voltava mais. Seus bens já não eram exteriores e ele encontra-se iluminado por Deus, quando antes só havia trevas. Em Óstia, faleceu Mônica, sua mãe, de cujo ventre foi gerado para a luz temporal na carne e em cujo coração nasceu para a vida eterna. Agostinho, por meio de seus escritos, confessa o desejo de praticar a verdade em seu coração com o objetivo de alcançar a luz. Ele confessa sua vergonha, testemunhando o desagrado que sentia por ele e acredita que os bons se agradam em ouvir os pecados passados dos que superaram o sofrimento. E desta maneira nomeia Deus para ser o árbitro entre suas confissões e suas objeções (cf., AGOSTINHO-A, 2002, *passim*, p. 188-297).

Ao fazer uma reflexão sobre a própria vida, Agostinho percebe que desde a infância nutria a sua sexualidade desordenada e começa a se dar conta de que sozinho não consegue se livrar do seu mau hábito, é necessário o advento da graça divina para ajudá-lo a superar e ordenar a sua vontade que se encontra desequilibrada.

Após sua conversão, ele pensa como pode aconselhar o sexo, quando da união entre homens e mulheres.

### III – FINALIDADE DA UNIÃO ENTRE HOMENS E MULHERES

Agostinho defende a união de homens e mulheres baseados num tripé de finalidades: a prole, a fidelidade e o sacramento ou indissolubilidade. No início de sua conversão influenciado pela visão negativa de corpo do neoplatonismo, transfere a negatividade para a sexualidade, como um obstáculo ao alcance da sabedoria, mediante a contemplação. Os maniqueus submetiam-se à rígida renúncia os prazeres sexuais, sendo a libido, ou a concupiscência, o pior dos males, pois para eles, é dela que nasce a fornicação. Para aspirar a recuperação da pureza do seu ser, deve fugir das tentações (COSTA, 2003, p. 377).

Pouco tempo depois, ele passa a uma segunda postura, pois associava sexo, procriação e pecado (COSTA, 2012, p. 73). Nesta fase mais positiva da relação procriação e sexo, admite a procriação no paraíso. Embora teria admitido a procriação sexuada antes do pecado original, esta se daria sem prazer, ou de forma moderada. É o chamado sexo ideal, sem pecado. O sexo passa a ser condição para a procriação, sendo uma das principais finalidades do matrimônio, deixa de ser um pecado, tornando-se um bem necessário. Agostinho prega não a exclusão total do sexo, mas o sexo controlado pela vontade, livre das paixões e prazeres desordenados. Apresenta o pecado original como uma fragilidade ou deficiência, por parte do homem, em não poder controlar a si mesmo e, conseqüentemente, o sexo, ou seja, a concupiscência (COSTA, 2012, p.73-75). Tornar-se incapaz de se abster de atos libidinosos é o castigo do homem não sua natureza primitiva. (cf, AGOSTINHO, 1995, p. 210).

Embora tenha optado pelo sacramento, na memória de Agostinho passa a volúpia de seus costumes anteriores, ele é favorável ao casamento e condena as uniões luxuriosas, a concupiscência (cf, AGOSTINHO-A, 2002, p.236). A pessoa que possui temperança reprime as paixões e o que há de mais oposto à boa vontade é a concupiscência. Quem ama a boa vontade resiste às paixões e opõe-se a elas. Tal pessoa que consegue este intento é designada temperante. Sua vida é louvável (AGOSTINHO, 1995, p. 59). É pela vontade que levamos uma vida louvável e feliz e é também pela vontade contrária a essa que levamos uma vida vergonhosa e infeliz. Há quem atribua a felicidade, quando se abraça belos corpos seja das esposas ou

de amantes, quando se sacia a sede ou a fome de forma abundante, ou mesmo ouvir cantos de vozes humanas e som de instrumentos musicais, para estes, quando faltam tais prazeres, consideram-se infelizes. Haveríamos de procurar outra vida feliz, que é a contemplação da luz da verdade (AGOSTINHO, 1995, p. 119-120).

O pecado original é o efeito do primeiro pecado: a desobediência, por parte do homem, a Deus, que se manifesta por orgulho e soberba do homem em querer viver por si mesmo, desprezando a Deus, *malumculpae*. O pecado relacionado ao prazer sexual ou carnal surge depois como consequência ou penalidade, *malumpenae*, ao primeiro pecado, não como natureza, e sim como deficiência. As más ações que cometemos e as boas que não conseguimos praticar, por deficiência, apesar da boa vontade, denominam-se pecados.

A libido ou concupiscência caracteriza o pecado sexual e está na má intenção da vontade do homem, que não consegue controlar a própria vontade, nem o sexo, trazendo como consequência desordem para o espírito e a carne. A sexualidade é um bem. A paixão desenfreada ou a luxúria- a má concupiscência é um mal. A paixão sexual provém e resiste à razão. O pecado da concupiscência não está no corpo, mas na alma, que usa mal o corpo. Agostinho diz: "Todas as ações más são más por causa da paixão pela qual são praticadas, isto é, por desejo culpável" (AGOSTINHO, 1995, p.35). A concupiscência é um sinal evidente da decadência ontológica da alma, estado da alma que possui menos ser.

Alípio tivera uma experiência sexual breve e não se prendera a ela, era castíssimo, desprezava o prazer carnal e vivia em perfeita continência (AGOSTINHO, 2002, p.135). Ao escutar seu mestre falar da dificuldade em se tornar casto, começou a desejar também um matrimônio, não vencido pelo apetite do prazer, mas pela curiosidade. Alípio gostaria de entender se aquele bem que fazia parte da vida de Agostinho, e que ele tanto apreciava, já não parecia vida e, sim, tormento. O interesse que eles tinham em relação ao matrimônio, não era o que tinha de bonito e honesto, como a direção da família e a educação dos filhos. De fato, Agostinho queria saciar seus apetites vis, mantendo-se preso a tormentos e desejando saciar a insaciável concupiscência e, Alípio, por admiração era arrastado para a mesma prisão(cf., AGOSTINHO-A,2002, p.136). Para se tornar casto, Agostinho necessita abster-se da concupiscência da carne, dos olhos e da ambição, será proibida uniões luxuriosas, e permitido o casamento. E ele opta por um estado bem melhor, pela graça divina (cf., AGOSTINHO, 2002, p.236)

O prazer sexual visto como pecado entrou no mundo através do pecado original, não como causa, mas como efeito. O pecado original é um pecado da soberba, sendo o primeiro desvio da vontade. Depois do pecado original a verdade se corrompeu, se enfraqueceu, tornando-se necessitada da graça divina.

Na terceira fase, Agostinho avança ao admitir não só o sexo, mas o prazer no sexo e continua o princípio do sexo ordenado ou com moderação e só para procriação. O sexo torna-se pecado quando o casal o submete ao desejo. Ele vai fazer a distinção entre sentir e buscar o prazer, devendo-se evitar o último. A busca de prazer não deve ser a finalidade última, o sexo. A finalidade última deve ser a procriação, o prazer é apenas um meio, e deve ser controlado pela vontade, não deveria ocorrer por causa do desejo, O ato sexual é bom quando ocorre com a intenção de ter filhos, o que para Agostinho é a intenção correta. Como não há outra forma de procriar, os casais se submetem ao sexo e fazem bom uso desse mal. Mas quando o casal o submete ao desejo, torna-se um pecado. O sexo neste caso é considerado um pecado venial, desculpável, perdoável (COSTA, 2012, p. 75-76).

Na quarta fase, considera o homem um ser decaído e por mais que se esforce, pela livre vontade, não consegue conter seus desejos carnis (consequência do primeiro pecado) e em nome do segundo tripé das finalidades, a fidelidade, admite o sexo por prazer, ou prazer no sexo, no matrimônio, cuja função é teológica-escatológica. É o sexo tolerável e perdoável, um mal menor, remédio ou antídoto contra males maiores, como: sexo individual (masturbação), sexo com animais e, adultério e a fornicção que são pecados mortais. Considera o adultério como um mal, uma vez que não devemos fazer ao outro aquilo que não gostaríamos para nós (cf., AGOSTINHO, 1995, p.31). Talvez a paixão seja a ação má do adultério. Essa paixão é a concupiscência (cf., AGOSTINHO, 1995, p. 32).

.O bispo hiponês condena o sexo desordenado, a lascívia, a luxúria, movidos pelo simples princípio de prazer pelo prazer. O sexo indesculpável ou mortal, a luxúria, está incluída entre os sete pecados capitais.

Ele separa de maneira radical o amor e a sexualidade. Ao separar sexo e luxúria, ele devolve a verdadeira e divina finalidade que é a de perpetuar a espécie humana com amor, honestidade e responsabilidade. A fidelidade é elevada a condição de superior à procriação, ao concluir que no adultério também há procriação, e para garantir este sagrado princípio admite o sexo por prazer dentro do

matrimônio, para garantir o sagrado e salvar o próprio matrimônio. Os parceiros têm a obrigação de não se negarem um ao outro, para que ele ou ela não incida num pecado maior: a infidelidade. Agostinho fala da submissão da mulher em relação ao homem, porém, no quesito de castidade e fidelidade ele coloca um equilíbrio perfeito entre ambos, em relação à castidade matrimonial, fora e dentro do casamento.

No que se refere ao prazer sexual dentro do casamento, ele recomenda moderação e, chama isto de castidade conjugal, não aceita a forma desenfreada e chama isto de adultério no próprio casamento. Tanto o adultério como a castidade deve ser consentido por ambos os cônjuges. Se um dos esposos contrair outro matrimônio com os esposos ainda vivo, ele chama a isso de adultério, exceção feita em caso de morte de um dos cônjuges (COSTA, 2012, p. 76-77).

Quanto à indissolubilidade do matrimônio, o sacramento, diz Agostinho: quis Deus que o homem procedesse de um homem só, para que na sociedade estivessem unidos entre si pela semelhança natural, como pelos laços de parentesco. O matrimônio é um instrumento de propagação e regeneração do homem para a vida eterna, desempenhando sua função catequético-moral. Ele deve ser legítimo, casto e honesto, para que os filhos que dele nasçam possam a exemplo dos pais, ser educados retamente e alcançar a beatitude (COSTA, 2012, 78-79).

Agostinho elabora uma teoria que contemple a prole, a fidelidade ou sacramento e a indissolubilidade do matrimônio e para isso vai se convencendo e ordenando a vontade para que o sexo possa ser praticado pelo casal de maneira ordenada e obedecendo a regras, a fim de poder educar os filhos conforme estes preceitos. Para tanto o casamento deve ser pautado na responsabilidade, no amor e na honestidade. Do exposto, podemos partir para a conclusão do nosso trabalho.



## CONCLUSÃO

Na luta de Agostinho entre a vontade e o desejo, às quais ele denominou luta entre duas vontades, percebe-se que a vontade associa-se à liberdade e que o desejo nasce na lei divina. Quando se trata da vontade, existe a boa vontade que é a vontade ordenada e contrita e existe a vontade desordenada que é a que nos arrasta para os caminhos não retos e, por escolha, tornamo-nos pecadores. A pessoa que ama a boa vontade possui quatro virtudes, a saber, a força, a prudência, a justiça, a temperança. Há duas espécies de homens: os que amam os bens temporais e os que amam os bens duradouros e eternos, sendo a vida feliz reservada para os últimos.

Ele também relata como é difícil resistir às tentações que nos chegam através dos cinco sentidos do corpo, e assegura que por vontade própria, o ser humano é incapaz de salvar-se, é necessária a intervenção da graça divina. A graça é para os escolhidos e sem ela não é possível a transformação. Por isso é tão difícil vencer as tentações corpóreas e desejar a luz divina.

A angústia de Agostinho era porque ele gostaria de se tornar casto, mas tinha medo de ser atendido rapidamente, pois estava cativo à concupiscência da carne. Ele era cativo de seu mau hábito e achava que não conseguiria libertar-se.

Busca incessantemente explicar a origem do mal, mostrando que o mal é a ausência do bem e que não provém de Deus que é o sumo bem. Analisa que o mal não forma substância e que todas as coisas que existem são boas, o mal uso que se dá a elas é que é a causa do mal.

Associa a felicidade com a busca dos bens eternos e duradouros, em contraste com os bens temporários e fugazes, pois uma vez que se perca qualquer um desses bens, a felicidade se esvai para os mais profundos abismos, deixando o sujeito altamente infeliz. Só através de uma vida virtuosa é que se pode chegar à felicidade e, para isso, cabe a cada um enxergar a beleza vista apenas nas profundezas da alma, invisível aos olhos corporais.

Na conversão agostiniana, ele relata a disposição íntima para a mudança e a profunda dor em que se encontrava imerso. Quando lê o capítulo do livro sagrado, se dissipam todas as trevas de sua dúvida, e ele sabe que encontrou o caminho para realizar seu desejo.

Com relação ao casamento, ele o admite para procriação, indissolubilidade, sacramento e fidelidade. Inicialmente admite o prazer sexual como causa do pecado, depois o admite com moderação, não atendendo aos impulsos da vontade desordenada. Depois, para manter a fidelidade, defende que o prazer sexual pode estar presente no casamento, pois ele pregava o sexo só para procriar. Na ótica de Agostinho, o casamento deve ser pautado no amor, responsabilidade e honestidade.

Por fim, observamos o percurso feito por Agostinho, para ordenar as duas vontades. No primeiro capítulo ele trata do pecado e fala da sexualidade completamente desordenada. No segundo capítulo ele reflete sobre seu comportamento e já começa a direcionar a vontade para um ordenamento e no último capítulo ele vai traçando metas para ordenar a sexualidade no casamento de uma maneira aceitável e progressiva de acordo com seu pensamento.

Para compreender a sexualidade em Agostinho, precisamos fazer um percurso na sua vida confessada. Primeiramente, antes de sua conversão percebíamos uma sexualidade desordenada, que a partir da reflexão de sua própria vida e com a ajuda da graça divina, a vontade começa a se ordenar e ele passa a desejar os bens eternos e duradouros, se despojando dos bens terrenos, essa teoria, porém, deverá ser usada pelos casais que praticam o sexo e ele vai então progressivamente admitindo a prática sexual associada ao tripé: prole, fidelidade e indissolubilidade, percebendo esta como um bem necessário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA,M.,R.,N. **10 lições sobre santo Agostinho**. Petrópolis, RJ: Vozes,2012.
- COSTA,M.,R.,N.**O problema do mal na polêmica antimaniquéia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: EDIPUCRS/ UNICAP, 2002.
- COSTA,M.R,N.**Veritas: Revista de Filosofia-PUCRS.** v 48,n.3,p.375-390,Setembro,2003.
- FORNARI,A. **Veritas: Revista de Filosofia-PUCRS.** v 48,n.3,p.361-73, Setembro,2003.
- EDINGER,E.,F. **Santo Agostinho In: A psique na antiguidade**. São Paulo:Cultrix,1999
- MAGEE, B. **História da Filosofia**. São Paulo: Loyola, 1998.
- NEIVA,E. **Vontade e contrato social em SantoAgostinho**. Alceu-v.6-n.12-p.170 a 215-jan/jun. 2006.
- OLIVER, M. **História Ilustrada da filosofia**. São Paulo: Manole, 1998.
- SALINAS,W.R.,MELO,J.J.P. **Santo Agostinho: entre a promiscuidade e a ascese**. Disponível em: <<[http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_v\\_epct/PDF/ciencias\\_humanas/17,2006](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/ciencias_humanas/17,2006)>>. Acesso em 12 de dez. de 2013.
- SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus, parte I**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus, parte II**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- SANTO AGOSTINHO. **De Magistro, In: Confissões**, São Paulo: Martin Claret, 2002.
- SANTO AGOSTINHO, **O livre arbítrio**, São Paulo: Paulus, 1995.
- SANTO AGOSTINHO. **Sobre a potencialidade da alma**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SOUSA,M.A., Introdução. In\_\_\_\_\_. (Org). **Confissões**.São Paulo: Martin Claret, 2002.
- WETZEL,J. **Compreender Agostinho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.